

EN'HIPITI WAWEHAKA ONIRA YANKANI

ESTA ILHA
PARECE PEQUENA



Coleção:
Ilhas e Encantamentos
Ilha de Moçambique

Autor:
Estórias populares

Ilustrações:
**Ossene Momade, Nelson Amito
e Abdul Razaque**





Este livro faz parte de uma coleção de 12 títulos, editada no âmbito do projeto “**Ilhas e Encantamentos**- Reforço do setor da literatura infantojuvenil e de emprego cultural criativo”.

O projeto integra vários territórios – **Ilha de Moçambique, Cidade Velha e Ilha do Maio (Cabo Verde)**, arquipélago dos **Bijagós (Guiné Bissau)** e **Ilhas de São Tomé e do Príncipe** – todos eles com um património material, imaterial e natural único, que se pretende mobilizar para a criação e publicação de literatura para a infância e juventude.

Ao leres este livro ficas a saber o que de melhor tem o nosso património... As nossas estórias, as nossas memórias e o nosso saber-fazer.





Moçambique

A capulana é um tecido feito de algodão e misturado com fibras sintéticas, oriunda da Ásia, com diversas cores e estampas tipicamente usada pelas mulheres. Assume-se como um elemento de representação da cultura local, com diferentes usos e significados no quotidiano, usada principalmente em cerimónias tradicionais como funerais, casamentos, ritos de iniciação, cerimónias mágico-religiosas, etc.

Inicialmente, a capulana era usada como moeda de troca entre povos, e os monarcas usavam-nas como símbolo de representação do poder. No império Mwenemutapa (séc. XV a XVIII), só o Mambo (rei) e as suas principais três esposas é que usavam a capulana como símbolo de ostentação e representação de tradição. Atualmente, além dos usos costumeiros, a capulana é um grande elemento da moda, servindo para a produção de peças de vestuário tanto para homens como para mulheres.

En'hipiti wawehaka onira yankani, que traduzindo do original Macua para a língua portuguesa afigura-se a algo como “De longe esta Ilha parece pequena” não é originariamente expressão nossa. É na verdade uma canção popular antiga da Ilha de Moçambique provavelmente pertencente ao grupo Estrela Vermelha. Mereceu transcrição (e tradução livre) pela mão de Nelson Saute e António Sopa em sua “A Ilha de Moçambique: pela voz dos poetas”. Portanto é assim expressão do povo da Ilha de Moçambique.

Do povo da Ilha de Moçambique são também as histórias presentes neste livro. Surgem assim de relatos e narrativas que foram sendo colhidas dos “mais experimentados” que vivem nesta Ilha. Sobre estes relatos/ narrativas coube-nos apenas passar a escrita, adicionar o fio literário necessário e emprestar pouco mais de nossa imaginação para mostrar que “Esta Ilha (apenas) parece pequena”.

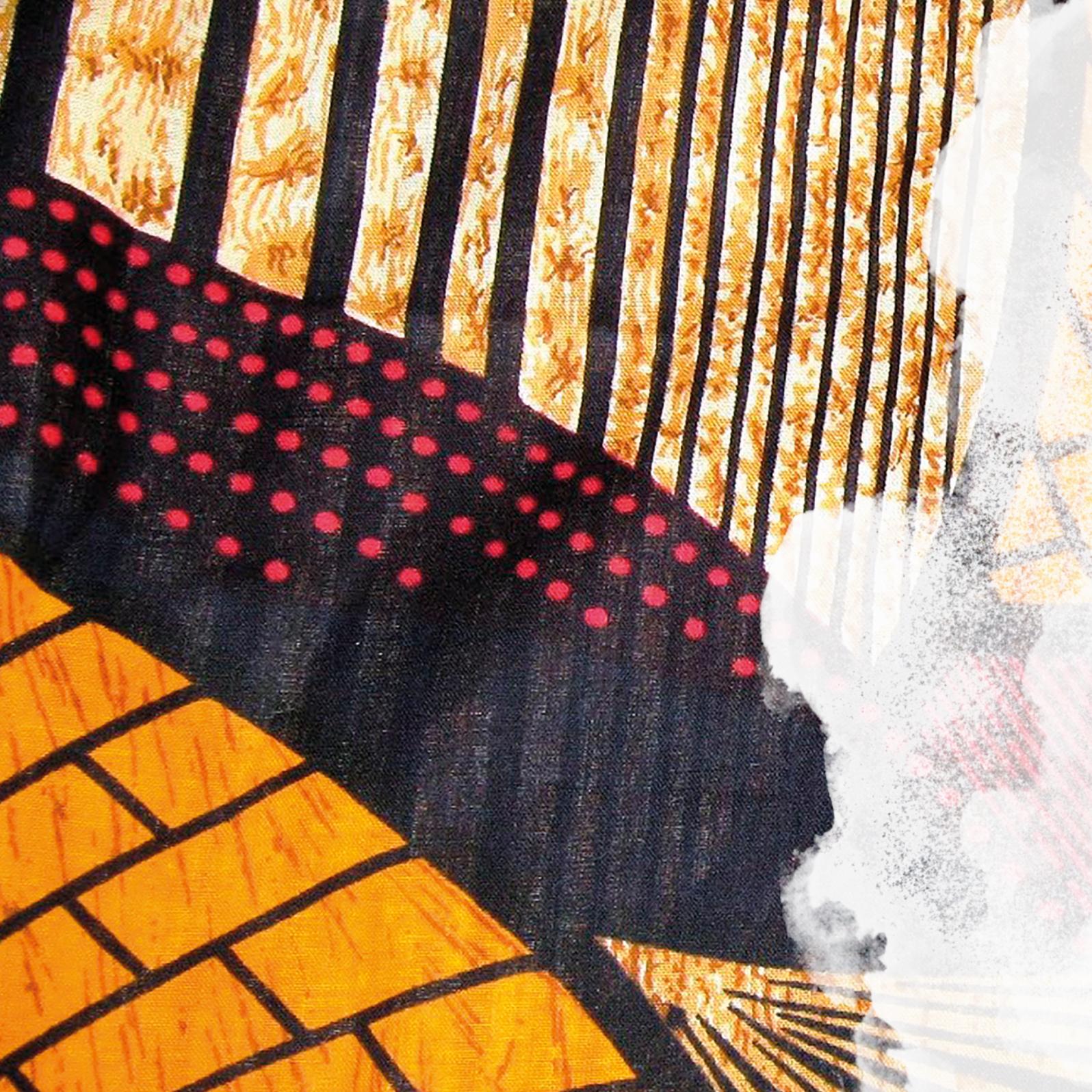
En'hipiti wawehaka onira yankani (Esta Ilha parece pequena) é o título de um dos dois contos desta publicação que busca, por meio de uma arquitetada imaginação buscar a origem da canção.



Com esta publicação, e igualmente com o título, pretende-se mostrar, ou pelo menos exemplificar o quão grande e grandiosa é esta Ilha com a sua história, estórias, cultura e acima de tudo, gente. Foi na verdade esta gente que com seus relatos e partilhas de experiências acenderam-nos a luz para as ricas estórias que podem emergir desta grandiosa Ilha. A esta gente queremos humildemente agradecer a gentileza e a prontidão em partilhar os momentos de suas vidas. Entre esta gente gostaríamos muito especialmente de agradecer ao Sr. Nacute Adamu e ao seu neto Mussagy Juma que partilharam seus conhecimentos e memórias desta Ilha.

Agradecemos igualmente a jovem Ancha Subete, que incansavelmente colaborou na recolha das narrativas.

Aos Ilhéus dedicamos esta publicação.

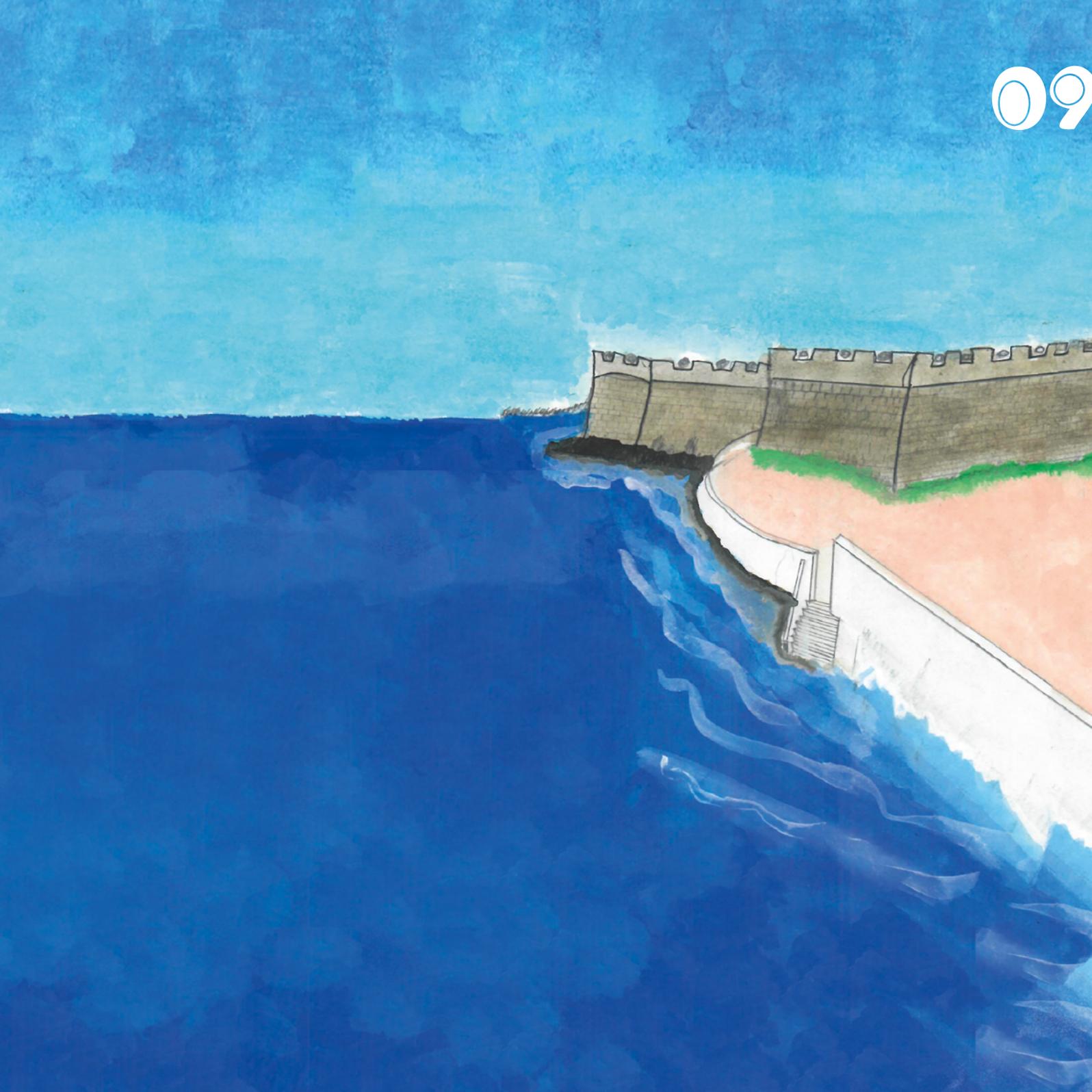




**A HISTÓRIA
DA FORTALEZA
DA ILHA**

Não sei a que propósito isto servia, mas o senhor professor deu-nos um dia um trabalho para que investigássemos sobre a história da construção da Fortaleza. Disse-nos, então, que poderíamos recorrer a entrevistas aos nossos familiares e pessoas da nossa comunidade.

Achei o trabalho “canja” e prometi a mim mesmo que me armaria em bom investigador e voltaria às aulas com a história mais rica e explicativa sobre a história da Fortaleza. Agora ando atrás de todos os que sei saberem algo sobre a Fortaleza e não os largo antes que me contem.







O senhor Abacar, que trabalha com os turistas, e anda sempre a contar-lhe as coisas de antigamente, disse-me que a fortaleza foi construída pelos portugueses como um local estratégico de defesa contra ataques dos inimigos e devido à importância que a Ilha representava no cenário económico mundial, sobretudo na nova rota para a Índia. Primeiro havia ali o Forte de São Gabriel construído em 1507. Mas era pequeno, por isso se mandou construir aquela fortaleza grande em formato de um quadrilátero irregular. A construção iniciou-se em 1522, mas só terminou em 1583.

É claro que eu sei que o senhor Abacar não me mentiria. Mesmo porque até os turistas que vem das terras de longe andam sempre com ele a ouvir as histórias longas que ele conta. Contudo queria mesmo ter uma história bem detalhada a ponto de convencer ao senhor professor que realmente eu merecia boa nota.

Portanto fui depois ter com o senhor Rajab, que me falou que eu ouviria muitas histórias sobre a Fortaleza, mas que a única verdadeira, a que era certa e real era a seguinte:

- A Fortaleza não foi feita nem pelos portugueses, nem por nenhum outro povo, mas sim única e exclusivamente pelos povos da Ilha de Moçambique: Macuas Nahara de nascença. Estes, feitos escravos, foram mandados para construir a fortaleza pelos colonizadores portugueses. Contra a sua vontade sim. Mas estes foram os que construíram a fortaleza: pedra a pedra cada parede. As pedras essas saíram dos próprios bairros onde eles viviam. Cada trabalhador que esteve envolvido no trabalho devia carregar as pedras assim que fosse para a obra, logo cedo, e mais pedras teriam de vir com os membros da sua família mais logo. Assim se fez, e todas as famílias que viviam na altura nesta Ilha participaram do processo. Portanto, não se deixe enganar por mais ninguém: a fortaleza é sim obra do povo Macua Nahara.

Nesse mesmo dia, o Velho Adamo, que também estava com o senhor Rajab quando este me contou, mandou a sua sobrinha chamar-me quando eu já estava em casa. Indo eu à sua casa, disse-me que tudo o que eu ouvi era sim invenção própria de quem não sabe.



- O próprio Rajab que estava a tagarelar sobre Macua Nahara¹ nem é natural da Ilha. Ele e sua família são naturais de Ribaué². Disse o Velho Adamo.

Continuou então ele dizendo:

- Os naturais da Ilha sabem todos que a história da construção da Fortaleza é a estória de Mwanante. Que ninguém te convença que a Fortaleza foi construída ou mandada construir pelos portugueses. Isso só um tolo poderá acreditar. Pois quem tem algum grau de raciocínio jamais poderá aceitar isso. Quando os portugueses cá chegaram, a fortaleza já cá estava, assim como o fortim. Pense só: no momento em que os portugueses cá chegaram não havia ainda maquinaria para construções daquela envergadura. Não havia máquinas para transportar aquelas pedras enormes, não havia cimento em grandes quantidades para o quão se precisou de argamassa para sobrepor as pedras. Isto é uma Ilha. Como podiam então transportar grandes quantidades de materiais para aqui chegarem?

1 Sub grupo do grupo linguístico macua-Norte de Moçambique

2 Distrito do interior da Província de Nampula





- Mas avô Adamo, por acaso eu li num livro que a pedra da construção da fortaleza saiu da cidade de Macuti. Onde haviam pedreiras.

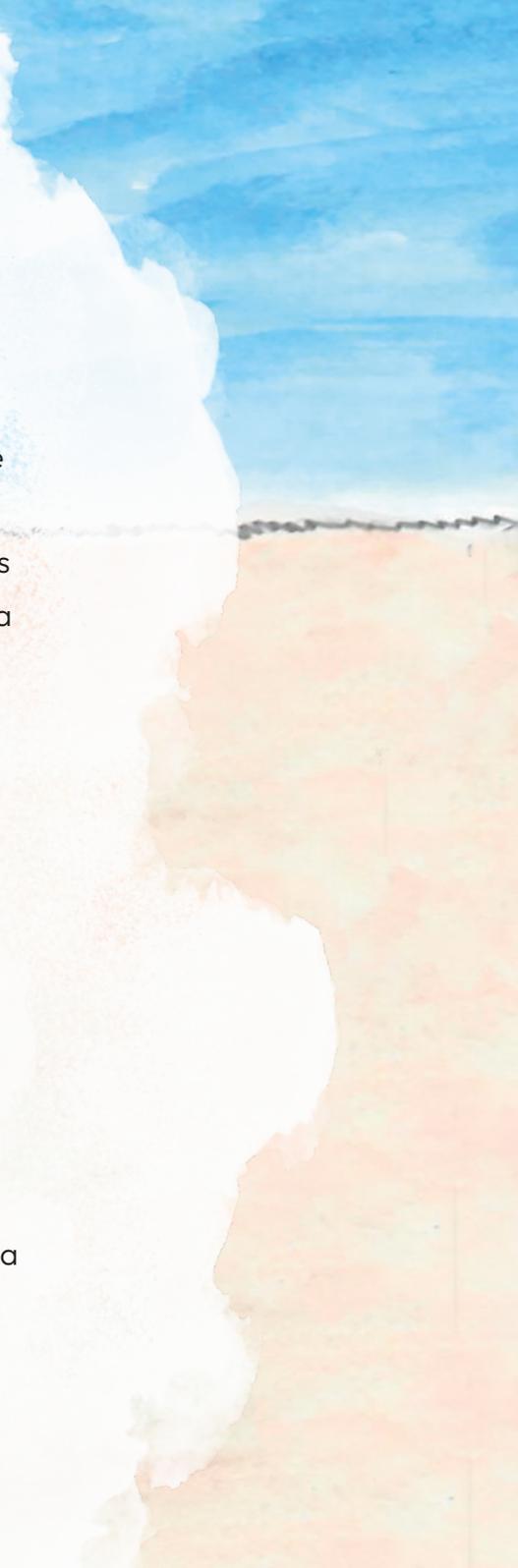
- Tem cuidado com o que você ouve. Na verdade, havia sim na cidade de Macuti algumas pedreiras. Entretanto elas serviram para construir os edifícios da cidade de Pedra e cal, e não para a Fortaleza, que já existia quando chegaram os portugueses.

A construção da Fortaleza foi feita num só dia e o seu obreiro é o Mwananti, um espírito com traços humanos e com uma altura incomum. É na verdade o espírito mais alto do mundo. A sua altura incomum permitia que atravessasse o mar a pé sem que fosse necessário nadar ou ir de barco. Quando as ondas fossem gigantes, ele batia o chão com a sua bengala e as águas se separavam para que passasse.

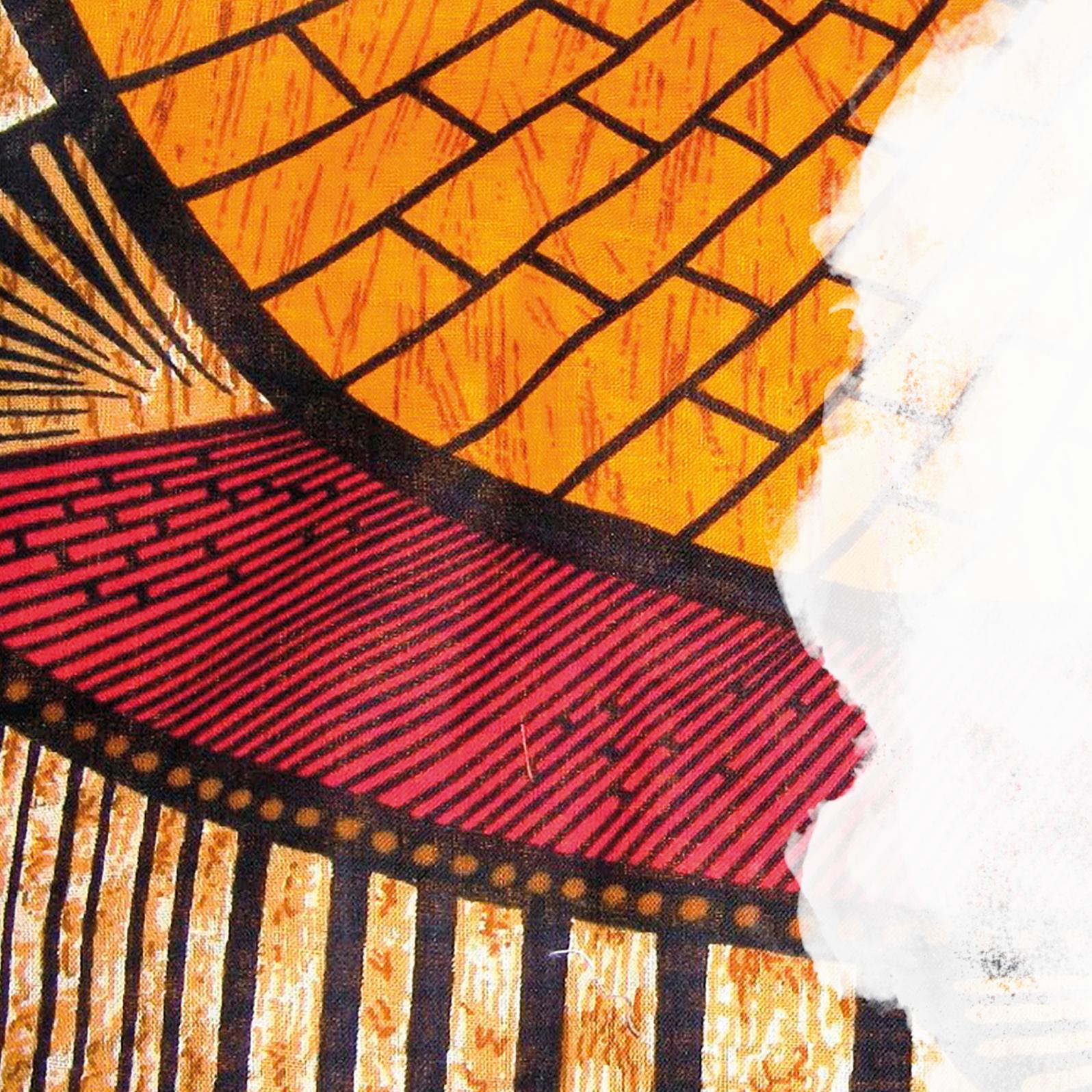
Foi a grandeza e altura de Mwanante que permitiram que ele construísse a fortaleza num só dia. Ele tirava pedras nas Ilhas próximas e transportando-as... ia construindo a Fortaleza. Se fores à Ilha de Goa, ou Ilha de Sete Paus, poderás ver claramente o local de onde saíram as pedras. Há lá marcas. Como também há marcas da pegada de Mwanante nessas Ilhas e algumas zonas do continente onde ele costumava descansar: Sanculo, Cabaceira Grande e até Matibane. São marcas grandes, largos buracos deixados pelos enormes pés de Mwanante.

Preste atenção: os próprios portugueses tentaram, pouco depois de aqui terem chegado, pintar a Fortaleza. Entretanto, como não pediram a Mwanante, este colocou para fora, e no mesmo dia, toda tinta assim que acabaram de pintar.

Bem, saio agora da casa do avô Adamo e não sei o que pensar disso tudo, mas a verdade é que, dos edifícios tanto da cidade de Pedra e cal como da cidade de Macuti, a Fortaleza é o maior e acredito, também, que o mais antigo. Talvez o senhor professor dê uma resposta certa e certinha na aula. Vou contar na aula tudo que andei a ouvir.







EN'HIPITI
WAWEHAKA
ONIRA
YANKANI
ESTA ILHA
PARECE PEQUENA

Diz-se geralmente que a Ilha de Moçambique, há muitos e muitos anos atrás não era um lugar atrativo para habitar gente: não tinha terrenos para a prática da agricultura, não havia muitas árvores fruteiras que pudessem alimentar qualquer grupo de humanos que aí tentasse se estabelecer e não havia também paus, estacas e área adequada para construírem blocos de adobe para construção de casas, tal como se fazia na zona continental. Deste modo, apesar de ser bom lugar de residência para quem praticasse a pesca, poucos eram os que aí fixavam residência. Era então conhecida como a Ilha desabitada ou Ilha sem gente.

Isto foi até que dois irmãos pescadores decidiram aí fixar residência, isto com vista a viverem mais próximos do mar e irem mais vezes ao dia a pesca. Entretanto, após seis meses a viverem sozinhos, e apesar dos altos rendimentos que iam tendo com a venda do pescado que iam conseguindo, os irmãos estavam já cansados do isolamento.

- Não podemos mais viver assim... assim é que não. Este isolamento quase me afunda a vida no mar. Conversavam os dois irmãos.





Assim viveram por mais dois meses, até que um deles teve uma ideia para a situação.

- Irmão, com o rendimento que temos tido da pesca, a última coisa que pensaríamos seria abandonar esta Ilha que tanto nos tem abençoado com abundância.

- Confesso-lhe irmão que tenho mesmo pensando em abandonar. Sinto muito falta de estar com as pessoas. Sinto falta de ver e viver com gente.

- Entendo irmão. Mas com um pouco mais de paciência conseguimos companhia e mantemos também a nossa abundância.

- Que dizes? Não percebo.

- Tive uma ideia! Para que consigamos ter cá mais habitantes, precisamos convencer aos outros de que esta Ilha é realmente um bom lugar para se habitar. Portanto vamos contar histórias belas sobre esta Ilha de modo a causar-lhes curiosidade para que venham todos a querer viver cá. E quando quiserem saber mais sobre essas histórias diremos que só poderão conhecê-las na verdade se cá vierem viver.

- De acordo irmão.

- Perfeito! Eis então a história que tu e eu devemos difundir quando formos ao continente ou sempre que nos cruzarmos com os pescadores que habitam o continente. Vamos conta-los que, na verdade não somos os únicos habitantes desta Ilha, que temos muita companhia e que os nossos dias são muito divertidos com esses habitantes que nunca saem da Ilha, nem por um minuto se quer, por ser tão bom.

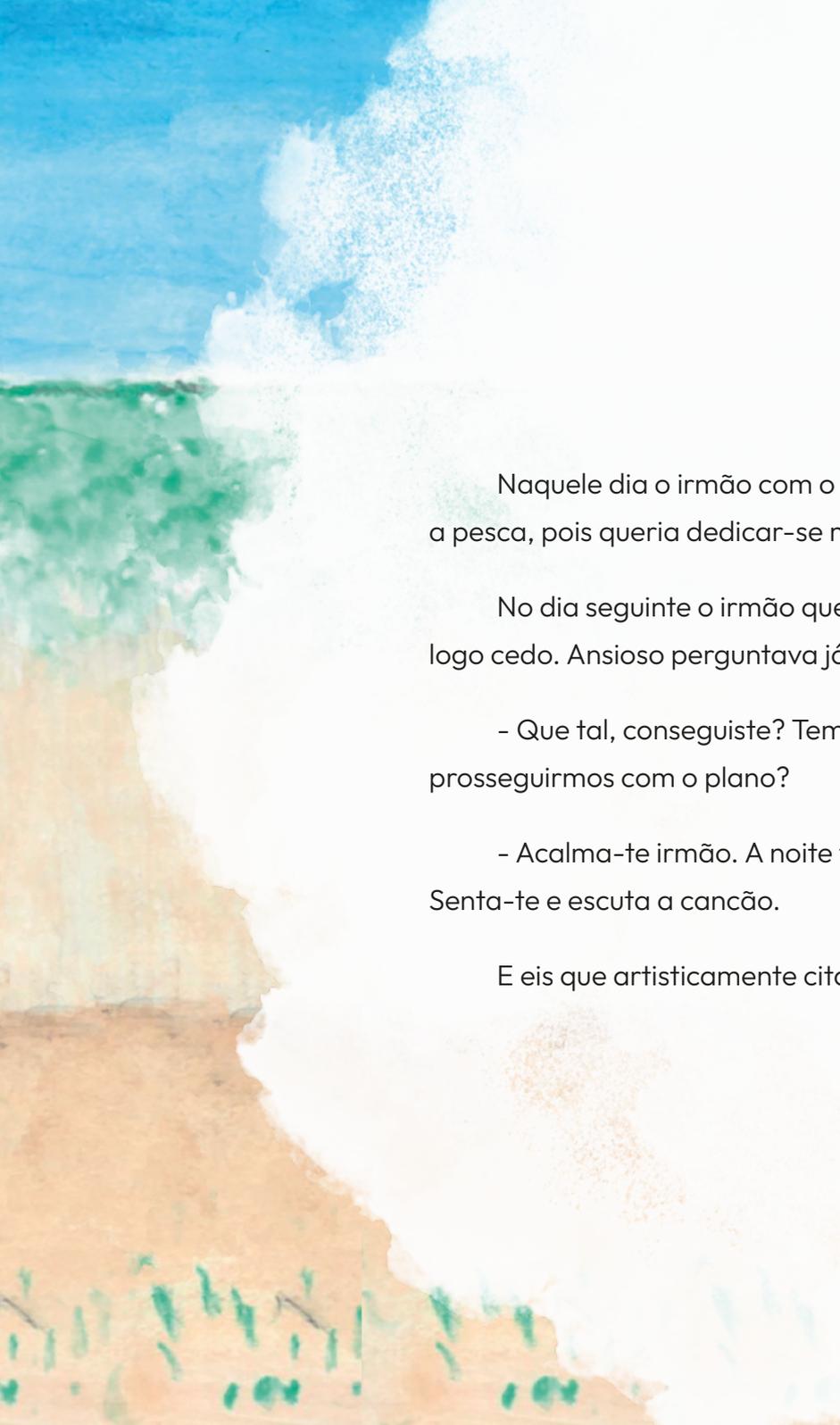
- De acordo irmão. Entretanto mesmo sendo boa, acho que essa história poderá não ter grande impacto se assim contarmos. Podemos contar a mesma estória, mas em forma de canção, pois como sabes, as canções mais rápido circulam do que as estórias.

- E circulando mais rápido, mais rápido também atraímos companhia na nossa Ilha. Já que és tu bom em poesia e canções, podes então emprestar a tua arte para o nosso plano.

- Sim, com certeza. Vou me dedicar a isto esta noite e amanhã mesmo já te apresento a canção da nossa salvação.







Naquele dia o irmão com o dom da poesia e canto não foi a pesca, pois queria dedicar-se mais a tarefa que lhe ficou.

No dia seguinte o irmão que propôs o plano procurou o outro logo cedo. Ansioso perguntava já ao irmão:

- Que tal, conseguiste? Temos a canção? Há condições para prosseguirmos com o plano?

- Acalma-te irmão. A noite foi longa, mas também produtiva. Senta-te e escuta a canção.

E eis que artisticamente citava os seus versos melodiosamente:

En' hipiti wawehaka onira yankani¹

En' hipiti wawehaka onira yankani

Nakumphe yulupale

Eukhala mmatzini

wawaka othiyaweny onira mwakó

Nakumphe manupha anutekyá mmalukuni

Molumo kxanimaliha ninamuthikilelani

mana ahavo atho akina

amiphela wuvanelanani

watempo ella ninamuvekelani

Mwathamelalé vava zikina

nuttonhiherani enakalaka mwinizuwela

za n"livuruni massi tzohala

tza rua ti fogo

elapo yella nânupihani

1 Cancão popular Macua da Ilha de Moçambique

De longe esta Ilha parece pequena²

Esta Ilha Parece pequena
Mas é grande
Ela está cercada de água
De longe parece uma montanha
Mas as casas foram construídas sobre as pedras
Não nos é possível contar-vos tudo quanto temos
Pois há outros que querem também falar-vos
Vos pedimos que venham ficar nesta Ilha
Assim podemos mostrar-vos,
apesar de saberem o que está escrito nos livros.
Mas falta a rua de fogo
onde vocês nunca chegaram.



- Perfeitíssimo irmão. Pulou de alegria o ouvinte. Temos tudo então para avançar. Entretanto precisas ensinar-me verso a verso de modo a que eu também faça circular.

- Não te preocupes irmão. Assim farei. Poderemos pescar do mesmo barco nos próximos dias. Assim ensino-te durante mais tempo.

- De acordo.

- Ah, e já ia me esquecendo: sempre que nos perguntarem o significado da canção, nos limitaremos a dizer: “também aprendemos com os habitantes invisíveis da Ilha. Eles cantam sempre esta canção quando nos reunimos na rua do fogo”.

Passados dois dias o outro irmão já também dominava a canção e o plano já estava pronto para ser posto em ação. E em não mais de um mês a canção estava já em circulação na região.

Em seis meses já não se sabia inclusive quem foi o autor da canção, mas facto era que todos queriam já conhecer as pessoas invisíveis que viviam na Ilha e conhecer também a rua do fogo.

Devido ainda ao receio que os habitantes tinham de viver na Ilha levaram ainda mais tempo para aí se instalarem. Assim os primeiros que foram atraídos pela canção e que foram habitar a Ilha foram os mercadores árabes, que vinham da Ásia para fazer trocas comerciais. Sendo que mais tarde alguns nativos do continente também seguiram. A Ilha veio assim a ser um lugar muito habitado tanto por nativos da zona continental próxima assim como estrangeiros oriundos de outros continentes que eram atraídos pela canção que se tornou famosa, e queriam todos conhecer a rua do fogo e os habitantes invisíveis da Ilha.





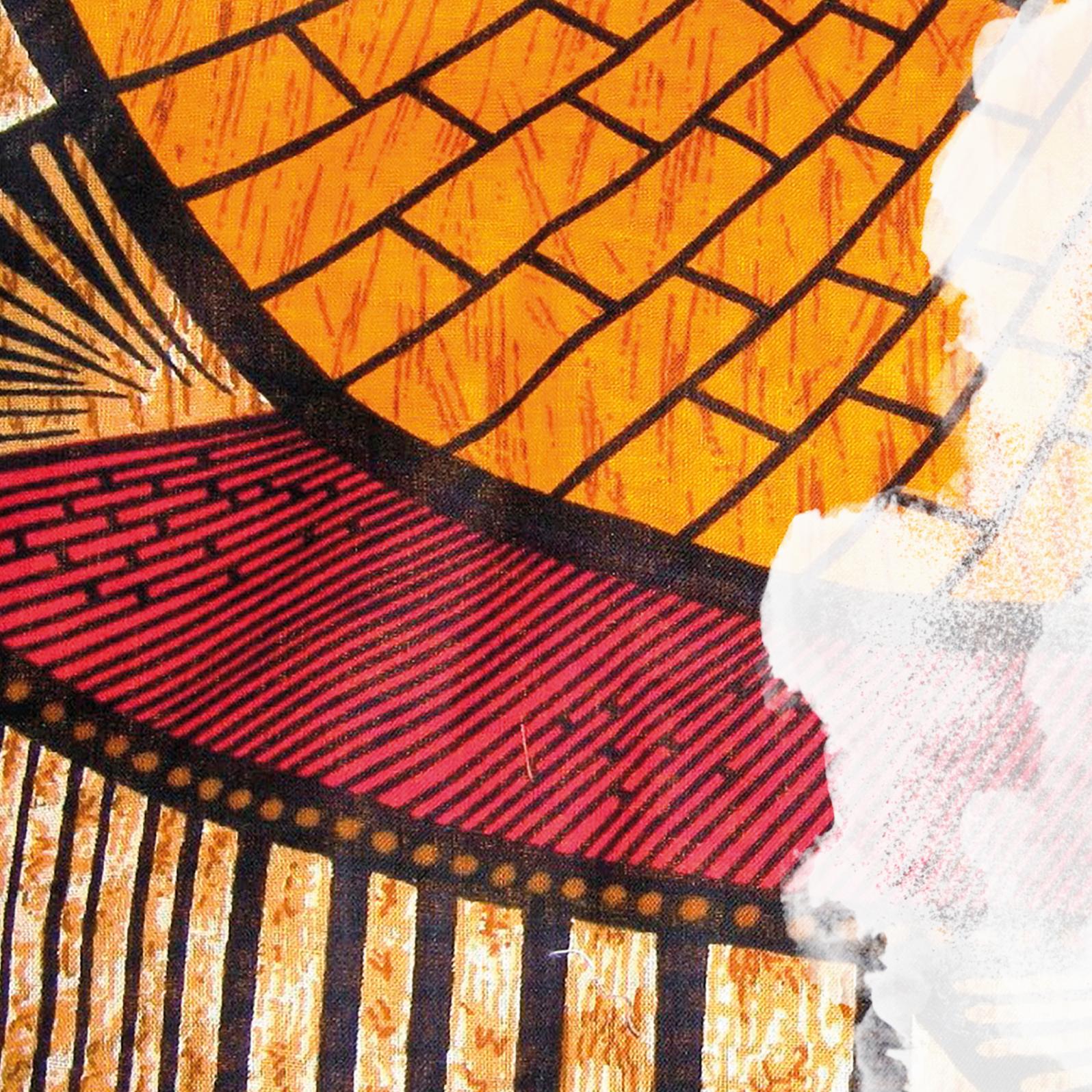
A watercolor illustration of a coastal scene. On the left, there are white buildings with arched windows and a brown building with a yellow door. The buildings are situated on a white sandy beach that meets a vibrant blue sea. The style is soft and painterly, with visible brushstrokes and a gentle color palette.

Entretanto, a canção permaneceu sempre viva e circulante mesmo séculos após a morte dos dois irmãos. E a Ilha tornou-se um polo de desenvolvimento muito famoso na região e no mundo, sendo que duas cidades nela surgiram: a Cidade de Macuti, que foi a primeira zona a ser habitada, e foi ocupada por nativos de continente e os primeiros árabes que na Ilha se instalaram; e a Cidade de Pedra e Cal, que foi habitada mais por árabes e indianos que vieram mais tarde e também portugueses e outros povos de outros países: franceses, americanos, etc.

Até hoje muita gente vem de muito longe para conhecer a rua de fogo da Ilha e os habitantes invisíveis da Ilha, atualmente também chamados de Jinni³.

Alguém os conhece?

3 Seres espirituais, de acordo com a mitologia Makhua Islâmica





Ficha Técnica

Título: En'hipiti wawehaka onira yankani (Esta Ilha parece pequena)

Autor: Estórias populares (recolha e adaptação de Filipe Alage)

Ilustrações: Ossene Momade, Nelson Amito e Abdul Razaque

Coordenação Editorial: Alcínio Muimela

Coordenação Geral: Associação Marquês de Valle Flôr e SPHAERA MUNDI

Edição: 1ª Edição

Volume 1

Design e Paginação: A Cor Laranja

Impressão: Onda Grafe

Tiragem: 100 exemplares

ISBN: 978-989-53141-5-7

Ano: 2022





ILHAS E ENCANTAMENTOS



ilhasencantamentos.org

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não reflete necessariamente a posição da União Europeia.

Esta publicação foi produzida com cofinanciamento do Camões, I.P. Os conteúdos são da responsabilidade exclusiva dos seus autores. Nem o Camões, I.P, nem qualquer pessoa agindo em seu nome é responsável pela utilização que possa ser dada às informações contidas na presente publicação. O seu conteúdo não implica a expressão de opinião do Camões, I.P ou do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal. A referência a ações, produtos, ferramentas ou serviços específicos não implica que estes sejam apoiados ou recomendados pelo Camões, I.P, ou que lhes seja atribuída qualquer preferência relativamente a outros não são mencionados.



Casa da Cultura
de São Tomé e Príncipe

Ação financiada pela União Europeia, cofinanciada e gerida pelo Camões, I.P.